

***EM BUSCA DE TODAS  
AS ÁFRICAS DO MUNDO***

***Homenagem a Pires Laranjeira***

Organização de Francisco Topa e Doris Wieser



Porto

*Design* gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN  
978-989-53997-0-3

Porto • 2023

**AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA NA ALEMANHA:  
UMA REFLEXÃO POR PARTE DE QUEM SE SEGUIU  
A PIRES LARANJEIRA EM COIMBRA**

Lusophone African literatures in Germany:  
a reflection by the successor of Pires Laranjeira in Coimbra

Doris Wieser

U. Coimbra / Centro de Literatura Portuguesa

**Resumo:** Este texto é uma combinação entre uma reflexão pessoal sobre a minha sucessão ao lugar do Professor Pires Laranjeira, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e uma avaliação do estatuto institucional das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Alemanha, país em que nasci e onde me formei. Com este texto pretendo fazer um modesto contributo para a avaliação da escassa presença desta área científica em instituições de ensino superior na Europa.

**Palavras-chave:** Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Alemanha, sistema de ensino superior

**Abstract:** This text is a mix between a personal reflection on my succession to the position of Professor Pires Laranjeira, at the Faculty of Arts of the University of Coimbra, and an assessment of the institutional status of African Literatures in Portuguese Language in Germany, the country where I was born and where I graduated. With this text I intend to make a modest contribution to the assessment of the scarce presence of this scientific area in higher education institutions in Europe.

**Keywords:** Lusophone African Literatures, Germany, higher education system.

## **Introito**

Neste volume de homenagem ao Professor José Luís Pires Laranjeira, começo com umas palavras pessoais. O colega e eu não temos uma longa história comum anterior à minha entrada ao serviço na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), em setembro de 2019, como Professora Auxiliar responsável pela área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Conhecemo-nos, sim, poucos anos antes, vimo-nos em ocasiões dispersas, sem ter tido muita oportunidade de convívio, tendo eu vivido em Lisboa, primeiro como investigadora de pós-doc e desde 2017 como investigadora FCT, no Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No entanto, desde a minha entrada na FLUC, temos tido conversas longas, não apenas sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, a história e a prática do ensino destas literaturas, mas também sobre os mais diversos temas da vida e do mundo. E é também esse Pires, o Pires-amigo, que quero homenagear com as minhas palavras e a reflexão que aqui partilho: uma pessoa sempre disposta a partilhar a sua experiência de vida, a sua análise do mundo atual – sem se censurar – uma pessoa disposta a partilhar sabedoria e desencanto, alegria e luto. Muito obrigada, Pires, pela camaradagem e pelas tardes passadas no nosso bairro, no Metrópolis, no Samambaia e no quintal da minha casa, por baixo do limoeiro. Que sejam continuadas!

Começo a minha reflexão sobre o lugar das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nas universidades alemãs, sistema em que me formei, citando o Pires-poeta:

### **Um lugar comum**

para Nhok

Imaginemos sempre  
um tempo filosófico  
fora de qualquer espaço.  
Os temores malignos  
sim: as torturas  
do sono  
da fome  
e o medo da morte  
dizem-nos que não.

[...]

Não sei que história  
podia ter sido  
ou que ainda há-de chegar.  
Todas as histórias têm lugar!  
[...]

Somos daqui  
e de qualquer lugar  
e havemos de perseguir  
sem tempo a perder  
o rasto da bola  
que resta jogar. (LARANJEIRA, 2014: 41-42)

De onde sou? E que jogo estou a jogar? Que bola estou a perseguir? Pergunto-me isso, com um tom humorístico, à guisa do Pires, sendo eu uma alemã que foi selecionada para um lugar numa universidade portuguesa, na secção do Português, e, em concreto, na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Aproveito este momento para refletir sobre a imensa improbabilidade do sistema de ensino superior alemão produzir uma pessoa especializada nesta área.<sup>1</sup>

### **As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no âmbito da Filologia Românica e dos Estudos Africanos na Alemanha**

Para explicar a presença, ou melhor, a ausência das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no ensino superior na Alemanha, começo pelo ensino da língua portuguesa. Nas escolas públicas alemãs, o inglês, salvo algumas exceções, é a primeira língua estrangeira que os alunos aprendem e é obrigatória em todos os tipos de escola.<sup>2</sup> No caso de os alunos aprenderem mais de

---

<sup>1</sup> Não refletirei sobre a presença ou ausência de académicos/as africanos/as nesta área na Alemanha, uma vez que a área como tal não existe. Se chegar a existir, será o momento mais oportuno para este debate.

<sup>2</sup> Não é o objetivo deste texto explicar o complexo sistema de ensino de Alemanha que conhece diferentes tipologias de escolas dependendo do Estado Federal (*Hauptschule, Mittelschule, Realschule, Gesamtschule, Gymnasium...*).

uma língua estrangeira (no *Gymnasium* ou na *Gesamtschule*) podem escolher entre francês, latim, espanhol, ou russo<sup>3</sup>, e em casos raros italiano, turco, ou grego antigo, como segunda ou terceira língua estrangeira. Neste momento, a língua mais escolhida, depois do inglês, é o francês e depois o latim, seguido pelo espanhol.<sup>4</sup> No entanto, nota-se que o francês e o latim estão a perder terreno. Apenas em casos muito raros, de que são exemplo Berlim ou Dortmund,<sup>5</sup> os alunos podem escolher português. Em suma, na Alemanha o ensino da língua portuguesa nas escolas é praticamente inexistente.

Qual é o lugar institucional do Português nas universidades alemãs? Comumente as línguas e literaturas românicas formam um departamento (que costuma ser chamado *Seminar* ou *Institut*) com nomes como “Romanisches Seminar”, “Seminar für Romanische Philologie” ou “Institut für Romanistik”. Juntam-se, portanto o Francês, o Espanhol, o Italiano e o Português. Em alguns casos, línguas românicas minoritárias podem ser estudadas de forma complementar, através de cursos de línguas ou de unidades curriculares isoladas ou comparativas (o romeno, o catalão, o galego e as línguas reto-românicas).

Os cursos de licenciatura (*bachelor*) costumam compor-se por duas áreas à escolha (*2-Fach-Bachelor*), dentre as quais uma pode ser o Português. Os requisitos de ingresso para Francês e Espanhol compreendem, quase sempre, conhecimentos prévios da língua, uma vez que se trata de línguas ensinadas nas escolas públicas alemãs. As condições de ingresso para Italiano e Português não preveem conhecimentos prévios, tratando-se de línguas que não são ensinadas (ou são muito pouco ensinadas) nas escolas públicas. Esta situação cria diferenças entre os cursos de Francês e Espanhol por um lado, e de Italiano e Português por outro. No caso dos últimos dois, o ensino nessas línguas é menos comum. As unidades curriculares dos chamados “módulos básicos” costumam ser ensinadas em alemão. Além do mais, os cursos de Francês e Espanhol costumam ter muito mais alunos, uma vez que preparam para uma

---

<sup>3</sup> O russo é oferecido sobretudo nos estados federais da antiga RDA.

<sup>4</sup> Baseio-me numa estatística elaborada pelo jornal *Die Welt* relativamente ao ano letivo de 2014/15. [Consult. 8 out. 2022]. Disponível em <<https://www.welt.de/wirtschaft/karriere/bildung/article152474201/Diese-Fremdsprachen-koennen-sich-auszahlen.html>>.

<sup>5</sup> Trata-se da Grundschule Neues Tor, da Kurt-Schwitters-Schule, e da APEGO-Schule, em Berlim (a última é uma escola privada), e do Max-Planck-Gymnasium Dortmund, a única escola alemã que ensina a língua portuguesa até ao *Abitur* (nome do exame final do secundário), desde 1980.

profissão concreta, segura e prestigiada: a de professor/a, via Mestrado em Ensino (*Lehramt*).

Olhando agora mais concretamente para as unidades curriculares, constata-se uma diferença organizacional em relação ao sistema das universidades portuguesas. Na Alemanha, as unidades curriculares não têm títulos e conteúdos pré-definidos, apenas é definida a sua área geral (Literatura, Linguística ou Cultura), a sua tipologia (*Seminar, Übung* ou *Vorlesung*), o seu nível (módulo básico ou avançado), e os ECTS a receber. No sistema alemão, o/a docente é impelido/a, a cada novo semestre, a preencher as unidades curriculares com conteúdos diferentes dos semestres anteriores. Por este motivo, os conteúdos condizem com as áreas de especialização do/a docente e os seus atuais interesses de investigação. Variam tanto as épocas, os géneros literários como as áreas geográficas. Neste sistema, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa podem ser ensinadas a qualquer momento, sem necessidade da criação de uma nova unidade curricular. Não há nenhum impedimento, o sistema está aberto a esta possibilidade. Mas, na prática, isto acontece muito pouco e de forma apenas espontânea e imprevisível para os alunos. Porquê?

Para compreender melhor esta situação é preciso ter em conta qual é o perfil típico definido nos editais para lugares de Professores de Literatura nos departamentos de Filologia Românica. Pela tradição institucional, estes perfis são, na sua esmagadora maioria, bivalentes, ou seja, os candidatos têm de comprovar a sua competência em pelo menos duas línguas românicas e suas respetivas literaturas, por exemplo Espanhol-Francês, Espanhol-Português, Francês-Italiano. As línguas que não conduzem ao Mestrado em Ensino (Italiano e Português) são combinadas normalmente com uma das línguas necessárias para a frequência dos Mestrados em Ensino (Espanhol e Francês), pelo que a combinação Italiano-Português é a mais difícil de aparecer nos editais. No caso da combinação Espanhol-Português, muitas vezes acrescenta-se, no edital, a área geográfica desejada: América-Latina ou Península Ibérica. Desconheço casos em que África tenha sido indicada como área preferencial, apenas, e mesmo muito raras vezes, África aparece como uma possibilidade opcional. Acrescenta-se que os professores costumam dedicar mais tempo àquela área em que têm mais alunos (Espanhol e Francês). Por este motivo, um professor de Literaturas Ibero-Românicas (Espanhol e Português), costuma dedicar-se mais à área do Espanhol, por uma necessidade institucional.

Neste momento há apenas dois Professores na Alemanha, cuja área de ensino é apenas o Português (sem outra língua). Em ambos os casos o perfil que a respetiva universidade definiu restringe as atividades destes Professores aos Estudos Brasileiros: literatura, cultura e cinema brasileiros. Trata-se da Universidade de Colónia (Jun.-Prof. Dr. Peter W. Schulze) e da Universidade Livre de Berlim (Jun.-Prof. Dr. Mariana Simoni). No último caso, o lugar em questão não pertence ao Departamento de Filologia Românica, mas ao Instituto Latino-Americano, que oferece cursos de pós-graduação, interdisciplinares. Cabe aqui destacar a excecionalidade do lugar de professor/a para Literaturas Românicas e Literatura Comparada, da Universidade de Bayreuth, o único na Alemanha em que África é considerada de forma especial. A professora em questão, Prof. Doutora Ute Fendler, ensina também na escola de pós-graduação em Estudos Africanos (Bigsas) da mesma universidade.

A *Lusitanistik* (nome dado à variante de Português nos cursos alemães) faz parte da lista das 150 “pequenas áreas” (*kleine Fächer*), criada pelo Ministério Federal para o Ensino e a Investigação (*Bundesministerium für Bildung und Forschung*).<sup>6</sup> Na página, pode-se verificar que atualmente há 7 universidades alemãs (FU Berlin, Frankfurt am Main, Göttingen, Hamburg, Köln, Leipzig, Mainz) com cursos em *Lusitanistik*, e um total de 9 professores/as.<sup>7</sup> No entanto, esta lista não é atual, faltando Gießen e Munique. A Associação Alemã de Lusitanistas (*Deutscher Lusitanistenverband, DLV*) criou, na sua página web, uma lista mais detalhada das universidades alemãs, austríacas e suíças, nas quais existe o curso de Português, com uma descrição da oferta formativa em cada caso.

Voltando ao início, pergunto: onde cabem as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa neste cenário? Vemos que há a possibilidade de serem ensinadas dentro dos cursos e estruturas existentes, mas a probabilidade de serem realmente ensinadas é baixa e se são ensinadas é de forma espontânea, aleatória, não havendo nenhuma possibilidade para os alunos escolherem a universidade de acordo com a existência desta área nos currícula.

---

<sup>6</sup> <https://www.kleinaefacher.de/> [Consult. 8 out. 2022].

<sup>7</sup> Para comparar, os Estudos Latino-americanos (*Lateinamerikanistik*) estão registados em *kleine Fächer* com 14,5 professores/as em 11 universidades [Consult. 8 out. 2022].

Cabe perguntarmo-nos agora: O que é que acontece nos centros ou departamentos de estudos africanos na Alemanha? Qual é o lugar do português nestas unidades orgânicas? Infelizmente, o panorama não é muito melhor e voltamos ao problema inicial: os alunos alemães não aprendem português na escola, pelo que os departamentos de estudos africanos se focam muito mais nos países africanos de língua inglesa e francesa, excluindo na maioria dos casos o português (e também o espanhol) dos seus currícula. Isto não significa que não existam cursos de língua, ou alguma disciplina sobre os PALOP de forma espontânea, um pouco como no caso dos departamentos de Filologia Românica.

De qualquer forma, à semelhança do que acontece em Portugal, os Estudos Africanos são uma área interdisciplinar, pelo que as Literaturas não são a área privilegiada nestes cursos. São antes as línguas africanas, a Linguística, História, Etnologia, Religião e a Sociologia que têm lugares de destaque. Na Alemanha, a área principal dos cursos em Estudos Africanos é, na maioria das vezes, a Linguística (o estudo das línguas africanas).

Também a *Afrikanistik* consta da já mencionada lista das “áreas pequenas”. De facto, é maior que a *Lusitanistik*, contando atualmente com 17 professores/as em 8 universidades (Bayreuth, HU Berlin, Frankfurt am Main, Hamburg, Köln, Leipzig, Mainz, Marburg). De novo, pode-se constatar que a lista não é atual, pois não aparece o recentemente fundado Africa Centre for Transregional Research (ACT) da Universidade de Freiburg; e podemos acrescentar também Viena, na Áustria; Marburg entretanto fechou a sua *Afrikanistik*.

A nível de pós-graduação, as universidades alemãs que oferecem cursos de Português ou Estudos Africanos estão abertas a projetos de investigação na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Não há nenhum impedimento formal à escolha de um projeto nessa área, há apenas a dificuldade de encontrar um/a orientador/a. Também a nível da investigação, o cenário é mais alentador, uma vez que há várias associações académicas que organizam congressos com regularidade, nos quais as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa não são só bem-vindas, mas têm tido alguma visibilidade nos últimos anos. Destaco a já mencionada Associação Alemã de Lusitanistas (*Deutscher Lusitanistenverband, DLV*) e a Sociedade Alemã para os Países Africanos de

Língua Portuguesa (*Deutsche Gesellschaft für die afrikanischen Staaten portugiesischer Sprache, DASP*). A presença da área nas associações de Estudos Africanos tem sido mais escassa, sobretudo na Associação de Africanística (*Fachverband Afrikanistik*), muito centrada na linguística (no estudo das línguas africanas). A Associação de Estudos Africanos na Alemanha (*Vereinigung für Afrikawissenschaften in Deutschland, VAD*) tende a conceder mais espaço às literaturas.

### **Coda**

Não é minha intenção apresentar um plano estratégico para a institucionalização das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Alemanha. Trata-se de uma tarefa difícil, uma vez que o número de alunos/as, já na área mais vasta do Português, é escasso. Nota-se, no entanto, um crescimento no interesse de quem estuda e de quem ensina a área do Português na Alemanha, verificável pelo crescente número de comunicações à volta das literaturas africanas nos congressos da Associação Alemã de Lusitanistas. Este crescimento deve-se certamente à expansão destas literaturas após as independências. A Filologia Românica, o Português, a chamada *Lusitanistik*, abrir-se-á certamente cada vez mais a esta “literatura necessária” (como a chamava Russell Hamilton), porque é academicamente impossível ignorar esta produção cada vez mais substancial e diversificada.

Cabe referir ainda que a situação delineada no contexto alemão se verifica também, com algumas diferenças, noutros países europeus onde o português é uma língua estrangeira pouco ensinada nas escolas públicas. A situação do Português no ensino superior nestes países é comparável à situação das línguas e literaturas estrangeiras em Portugal, que sempre se estudam em combinações de duas línguas no âmbito de cursos de Línguas Modernas. Para ser mais precisa, assemelha-se sobretudo à situação atual do alemão (Estudos Germanísticos) ou do italiano, em Portugal, uma vez que essas línguas não são (ou já não são) ensinadas sistematicamente nas escolas de ensino básico ou secundário. Dentro dessas combinações, o espaço de cada uma das áreas escolhidas já é reduzido a metade, e dentro dessa metade, infelizmente, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa não ganharam ainda muito terreno. Mas são inegáveis o crescente interesse e a crescente produção científica em vários países europeus.

A modo de conclusão, volto a um registo mais pessoal. Formei-me no sistema pré-Bologna, na Alemanha, onde fiz um *Magister*, na Universidade de Heidelberg, e depois o doutoramento, na Universidade de Göttingen. Foi também em Göttingen que comecei a ensinar, já nos cursos reformados no âmbito dos acordos de Bologna, Literatura Brasileira e Literaturas Hispano-Americanas. Como aluna, nunca, nem em Heidelberg, nem em Göttingen, assisti a aulas sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, porque não havia.

Se cheguei a afirmar-me nessa área foi através da Filologia Românica, em particular da *Lusitanistik* (e não da *Afrikanistik*), e pelo meu trabalho desenvolvido em associações académicas, nomeadamente na Associação Alemã de Lusitanistas – da qual fui secretária, vice-presidente e presidente entre 2013 e 2021 – mas também na DASP, Sociedade Alemã para os Países Africanos de Língua Portuguesa, em que colaborei na organização de vários colóquios como membro da direção. Foi também graças a uma bolsa de investigação de pós-doutoramento da Fundação Alexander von Humboldt que me trouxe, com um projeto nesta área, a Portugal, Lisboa, em 2014. Nesta altura, nunca teria imaginado que chegaria a ser, cinco anos mais tarde, a sucessora do respeitado Professor Pires Laranjeira, em Coimbra. Cheguei até aqui por interesse e escolha pessoal, pelo gosto em correr certos riscos nestas escolhas e pelo atrevimento a concorrer a lugares pouco prováveis. E, por fim, mas não de menor importância, fui bem-sucedida por um imenso investimento pessoal, um trabalho muito intenso durante todos estes anos, que, obviamente, continua. É um desafio muito grande, para quem vem de fora, preencher este lugar na Universidade de Coimbra, onde o meu antecessor acumulou tanto mérito devido à sua enorme contribuição para a solidificação desta área, tanto no panorama das universidades portuguesas, como no palco internacional – mérito bem documentado neste volume de homenagem.

## **Bibliografia**

LARANJEIRA, Pires (2014). *Um lugar comum*. In JORGE, Antonino e FIGUEIREDO, Alfredo de Resende, coord. “Chão de brinco: poesia”. 1. Maia: Cardo Edições, pp. 41-42.

**Páginas web de associações**

Deutscher Lusitanistenverband e. V. (DLV): <<http://lusitanistenverband.de/>>.

Deutsche Gesellschaft für die Afrikanischen Staaten Portugiesischer Sprache e. V.  
(DASP): <<http://www.dasp.eu.com/>>.

Fachverband Afrikanistik e. V.: <http://fachverband-afrikanistik.de>

Vereinigung für Afrikawissenschaften in Deutschland e. V. (VAD): <<https://www.vad-ev.de>>.